

O trem de ferro como trilha condutora de memórias de idosos: a ação sociocultural como aproximação etnográfica

Profa. Dra. Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão

Universidade de Taubaté – Pró-reitoria de Extensão e Relações Comunitárias

Endereço para correspondência: Rua Rosa Barbieri Paiotti, 244 – Urbanova

São José dos Campos - São Paulo – e-mail: marluce@unitau.br

Profa. Ms. Rachel Abdala Duarte

Universidade de Taubaté – Pró-reitoria de Extensão e Relações Comunitárias

Endereço para correspondência: Rua Helvino de Moraes, 370, Apto. 205 – Vila São José

Taubaté - São Paulo – e-mail: rachel.abdala@uol.com.br

Resumo: Vivencia-se hoje uma nostalgia pela substituição das ferrovias pelas rodovias e pelo fim das viagens de trem. Entretanto, é possível inferir que o lamentado fim da primazia dos trens e da falta de investimento atual nas estradas de ferro para transporte de passageiros não representa o fim de sua história. A permanência na memória daqueles que utilizaram esse meio de transporte pode ser atualizada por novas experiências. Este artigo relata uma atividade sociocultural desenvolvida com idosos, no âmbito da extensão universitária, que teve como objetivo utilizar um passeio de trem de ferro como turismo sócio-histórico e objeto mediador da evocação do passado, uma sensibilização do olhar e da memória provocadas por uma ação externa. Constituiu-se uma atividade de lazer, utilizando uma metodologia participativa, para favorecer a emergência de sentidos e significados inerentes à existência humana que devem ser percebidos. Ficou evidenciada a diversidade de experiências passadas em relação a esse meio de transporte, durante uma viagem de três horas entre duas cidades do Vale do Paraíba Paulista e a importância das ações socioculturais destinadas aos idosos, por possibilitarem comparação temporal entre as várias dimensões da vida na sociedade urbana e rural da região, e uma (re) descoberta da realidade circundante. Confirmou o valor da memória como método de intervenção que confere sentido ao passado, noção de continuidade e de pertencimento ao grupo social, fundamental na construção da identidade. Como ação socioeducativa planejada, cuidados éticos foram adotados, pelo fato de o processo implicar esforço individual e coletivo dos envolvidos.

Palavras-chaves: idosos, memória, atividade sociocultural, extensão universitária.

The train as a driving track for elderly people memories: the socio-cultural action as an ethnographic approach

Abstract: Nowadays people in Brazil have a kind of melancholic feeling when they recall that the train trips are almost over, since the Brazilian passengers transportation is mostly carried out by highways, instead of railways as before. However, we can say that the lack of investment in the transport of passengers by railways did not mean the end of its history. The past experiences of those who utilized this kind of transport remained in their memories and they can be updated by a new contact with. This article describes a socio-cultural activity done with elderly individuals, within an university extension's scope. This activity had the purpose of using a train trip as a social-historical type of tourism intended to act as a liaison object to evoke the past and to enhance the person's memory, triggered by an external action. This is an entertainment activity that can be also used in the search of the meaning of life and to improve self-awareness, like a railway through which the elderly individual's memories pass by. This sort of trip reveals a wide range of past experiences during the three hours that it takes, between two cities of Vale do Paraíba region (São Paulo state, Brazil), and also the importance of social-cultural activities for elderly people, since it allows the temporal comparison among the several dimensions of life in urban and rural environments, (re)discovering the surrounding reality. The memory is affirmed as an intervention method that confers significance to the past, notion of continuity and sense of belonging to a social group, all these aspects are essential for the identity construction. During this social-educational activity the proper ethical considerations were observed, since it represented a personal effort for the people involved in this process.

Key-words: Elder, Memory, Socio-cultural activity, University Extension.

El tren como vía conductora de memorias de personas mayores: la acción sociocultural como acercamiento etnográfico

Resumen: Hoy día se vive en Brasil una especie de nostalgia por la progresiva sustitución del transporte de pasajeros por ferrocarriles por el transporte por autovías, y la casi desaparición de los viajes de brasileños en tren. Sin embargo, podemos constatar que la falta de inversiones en los ferrocarriles para el transporte de personas no representa el final de su historia. La permanencia en la memoria de aquellos a quienes han utilizado este medio de transporte puede ser actualizada a través de nuevas experiencias. Este artículo relata una actividad sociocultural desarrollada con personas mayores, en el ámbito de la extensión universitaria. Tuvo como objetivo utilizar un viaje en tren como turismo socio histórico y objeto mediador de la evocación del pasado, una sensibilización de la mirada y de la memoria provocada por una acción externa.

Tratase de una actividad de ocio, utilizando una metodología participativa que también promueve la búsqueda de sentidos y significados inherentes a la existencia humana, de tal forma que facilita esta percepción: el tren como hilo conductor de la memoria de los mayores. Durante un viaje de tres horas entre dos ciudades de la región de Vale do Paraíba (Estado de São Paulo, Brasil) surgen recuerdos de gran diversidad a respecto de experiencias pasadas en relación a este medio de transporte. Este tipo de actividad sociocultural con personas mayores es importante por posibilitar la comparación temporal de las varias dimensiones de la vida en la sociedad urbana y rural de la región, una (re)descubierta de la realidad circundante. Confirma el valor de la memoria como método de intervención que confiere sentido al pasado, noción de continuidad y de pertenencia al grupo social, fundamental en la construcción de la identidad. Como se trataba de una acción socioeducativa planeada hubo un cuidado especial referente a los criterios éticos, ya que el proceso representa un esfuerzo individual y colectivo de las personas involucradas.

Palabras-clave: Ancianos, Memoria, Actividad sociocultural, Extensión Universitaria.

Introdução

O Programa de Atenção Integral ao Envelhecimento - PAIE, na sua vertente de gerontologia educacional¹, viabiliza, por meio do Projeto “Unitau Aberta à Maturidade”, ações de extensão universitária destinadas a adultos maduros e idosos. São ações interdisciplinares, necessárias à compreensão e à intervenção das várias dimensões do fenômeno do envelhecimento; agrupadas em quatro núcleos temáticos: Núcleo de Cursos de Extensão, Núcleo de Saúde do Idoso, Núcleo Sociocultural e Núcleo de Política e Cidadania.

Selecionou-se aqui, como foco de reflexão, uma ação educativa do Núcleo Sociocultural desenvolvida com idosos. O objetivo foi discutir, à luz da memória sócio-histórica, e com uma visão dialético-crítica, a importância das narrativas como agentes de transmissão cultural. Como a História é útil aos indivíduos e estes são úteis à História, (THOMPSON, 1992) considera que os idosos são depositários de experiências e informações e que demonstram facilidade para “narrar, interpretar o passado, bem como analisar o presente à luz da experiência pregressa”. (VON SIMSON e GIGLIO, 2001, p.143).

Preliminarmente, ressalta-se que esta ação constitui uma estratégia não-formal de educação², com vistas à educação permanente³ dessa população.

A educação não-formal, ao contrário da educação formal, caracteriza-se por não ter a preocupação de desenvolver um currículo predefinido, um currículo que se faz principalmente baseado em desejos, necessidades e interesses das pessoas que constituem os grupos envolvidos em ações e práticas desse campo educacional. [...] As propostas da educação não-formal têm como objetivo central enriquecer a biografia dos indivíduos, ampliando a gama de vivências e experiências formativas de crianças, jovens, adultos e idosos.

Nesse contexto, as diversas linguagens artísticas e culturais se inserem como fator de sedução e ferramenta propiciadora de amplos aprendizados. (SILVA, 2006, página)

Com base na acepção do termo sociocultural, simultaneamente relativo a um grupo social e à cultura que se prende a esse grupo (FERREIRA, 1986), compreende-se como sociocultural, as intervenções que visam à formação e ao desenvolvimento de grupos sociais para “[...] promover a diminuição de desigualdades sociais, a emergência de talentos, a experimentação de novos interesses e o desenvolvimento de cidadãos capazes de uma crítica da realidade social” (CUNHA, 2003, p. 7).

A finalidade de uma ação sociocultural é descrita pela Enciclopédia Wiki Knowledge (2008):

A ação sociocultural propõe às pessoas, considerando seu momento e seu espaço próprios, bem como os meios à sua disposição, uma reflexão crítica sobre a obra cultural, sobre si mesmas e sobre a sociedade (o que pode também ser objeto da ação cultural, propriamente dita) não lhes bastando, porém, desenvolver entre as pessoas um tipo de relacionamento qualquer, uma forma de aproximação qualquer, nem se contentando com oferecer-lhes apenas a fruição de um momento de lazer; será necessário que dessa ação resulte um benefício claramente caracterizado como social.

Observa-se, assim, que o termo sociocultural envolve claramente uma dimensão educativa, portanto, uma ação socioeducativa, considerada por Krug (2006, p. 161) como:

[...] ações que envolvem atividades de quaisquer natureza, oriundas da intencionalidade humana em qualquer etapa da vida, desenvolvida em conjunto com outros seres humanos e que propiciam a quem delas participa situações de convívio social, de construção conjunta de projetos, onde a socialização e o aprendizado educativo são uma constante.

No Brasil, as ações socioculturais e de lazer para idosos tiveram início nos anos 60, com o trabalho social do SESC - São Paulo. Naquele momento, as escassas ações sociais propostas a esse segmento etário eram de natureza assistencialista; mas, em razão de uma demanda muito intensa de integração social, multiplicaram-se pelo país afora os denominados “grupos de convivência de 3ª. Idade”, que ainda hoje representam importante fator de socialização, principalmente para idosos de menores recursos econômicos e culturais (FERRIGNO, 2005).

Nas décadas seguintes, a mobilização desse grupo populacional em busca de seus direitos culminou com a criação das Escolas Abertas para a Terceira Idade, fundamentadas nos postulados da

Educação Permanente que defende o direito, a possibilidade e a necessidade que tem o ser humano de se educar ao longo de toda a vida. Suas atividades constituem uma ação cultural [...] Seus objetivos podem ser resumidos em: socialização, atualização de conhecimentos, desenvolvimento de novas habilidades, reflexão sobre o processo de envelhecimento e discussão de novos projetos de vida. (FERRIGNO, 2005, p. 29)

Atualmente, as Escolas Abertas à Terceira Idade constituem-se espaços laboratoriais para idosos vivenciarem novas realidades, que concorrem para o desenvolvimento da auto-estima, da socialização, da interação, da integração, da saúde mental e física e da cidadania na velhice.

A dimensão da importância social dos idosos é reforçada, quando são tratados como atores da história, como sujeitos que também fizeram a história. São agentes de cultura, e, na perspectiva de Bosi, citada por Ferrigno (2005, p. 31) a História “[...] vê a memória social ou histórica como central para uma visão desalienada e desalienante de cultura e aí a importância dos velhos na transmissão das tradições”.

A função da memória na qualificação da velhice

Os muitos modos historicamente construídos de pensar e de falar sobre a memória remontam à Grécia antiga, mas foi no final do século XIX e durante todo o século XX que estudiosos da Filosofia, Antropologia, Sociologia, História, Psicologia e Neurociências desenvolveram seus constructos teóricos sobre os seus diversos aspectos (SMOLKA, 2000; LEÃO, 2005).

A importância do ato de lembrar o passado, do ponto de vista da função social da memória, é ricamente ilustrada por Bosi (1978, pp. 82-83), por exemplo, quando afirma:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte.

Embora toda lembrança seja vivenciada pela pessoa como única, para Halbwachs (1994) ela se prende de alguma forma ao contexto social mais amplo. Diz ele que “nunca estamos sós”, e que a reconstrução do passado se faz a partir de dados comuns que estão, tanto no nosso espírito, como no dos outros. Cada um lembra daquilo que experimentou mais profundamente. Fica na memória aquilo que tem mais relação com o indivíduo, mas ela é coletiva, porque na história de cada um participam outros indivíduos, os tempos e os espaços entrecruzam-se, e há uma “comunidade afetiva”.

A intencionalidade do recordar a partir de um fato, situação ou espaço, no bojo de uma ação socioeducativa com idosos, pode redefinir sua identidade individual e grupal. Uma vez viva, a memória ressignifica a vida, exalta a arte da narrativa. Sobre isso, Walter Benjamim, citado por Ferrigno (2005, p. 33), lamenta a perda do clima mágico das narrativas, e cita a excelência do idoso em contar histórias, em ser o depositário das experiências a serem transmitidas.

Se a arte da narrativa hoje é rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. A cada manhã os indivíduos recebem notícias de todo o mundo; no entanto, são pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já chegam a todos, acompanhados de explicações.

Nesse sentido, ações de cunho sociocultural com idosos, utilizando produtos da memória⁴, podem redimensionar uma história individual e também social de um povo, constituindo-se estratégias educativas que estimulam uma visão dialético-crítica sobre a velhice. Em outras palavras: os idosos são os atores e autores sociais que, apoiados pelo trabalho com a memória, buscam superar conscientemente os problemas contemporâneos.

O trabalho com a memória requer, do profissional que lida com o idoso, o devido preparo teórico e metodológico, para construção de um relacionamento que tenha base, acima de tudo, no respeito, ética e confiança, no profundo interesse nesse processo de (re) visitar o passado. Há que se atentar, ainda, para o impacto desse processo na vida do outro (VON SINSON e GIGLIO, 2001, p. 144; LEÃO, 2005).

Do ponto de vista psíquico e afetivo-emocional, o indivíduo que envelhece só poderá ter a noção de que as informações de que dispõe são preciosas, e não um fardo inútil, se o seu meio social se interessar por elas, ou seja, se as acolher como interessantes ou úteis; só terá a noção de que suas informações são únicas porque têm sido guardadas na sua memória individual, original, se tiver a oportunidade de partilhá-las com outros detentores de lembranças dos mesmos fatos e épocas.

O lugar da memória na produção do conhecimento na extensão universitária

Para a gestão das ações em extensão universitária na contemporaneidade, é pertinente lembrar as ressalvas de Araújo Filho e Thiollent (2008, p.6-7) de que, enquanto nos anos 90, “a metodologia participativa constituía uma bandeira de abertura e de democratização da universidade”, nos anos 2000, pela situação mais favorável à extensão, ela permite que “os projetos se vinculem a políticas públicas abrangentes destinadas a populações necessitadas”. Para tal, “é preciso fortalecer o planejamento, a gestão e a avaliação para melhorar a efetividade dos procedimentos e os impactos sociais da extensão”.

As metodologias participativas apresentam legitimidade no escopo dos projetos de extensão, por ser imperativa a participação dos grupos na obtenção do conhecimento dos atores sociais envolvidos, possibilitando um conteúdo crítico diferente do que já existente. Por metodologias participativas, entende-se o emprego de métodos e técnicas que possibilitam e facilitam aos indivíduos de um grupo, “vivenciar seus sentimentos, percepções sobre determinados fatos ou informações; refletir sobre eles; ressignificar seus conhecimentos e valores e perceber as possibilidades de mudanças” (SILVA, 2002, p. 44).

Essa perspectiva encontra guarida no quadro conceitual das chamadas Metodologias não Convencionais⁵, que no campo de formação em gestão social, segundo Giannella (2008, p. 2) se inscrevem como passagem de uma visão positivista da ciência para uma visão pós-positivista, quadro esse “necessário para reconstruir os caracteres do contexto de ação e as formas de intervenção normalmente consideradas apropriadas para intervir nele”.

Tais metodologias propiciam produzir “conhecimento interativo, valorizar as competências reais dos sujeitos envolvidos em cada processo, que visam, finalmente, mobilizar na esfera pública toda a riqueza do humano”.

Considerando, portanto, as metodologias participativas como práticas educativas dialógicas, para a pesquisa e a reflexão sobre a realidade vivida, é fundamental a mediação da memória individual e coletiva como vetor e método que articula as vivências (conhecimentos objetivos e subjetivos). A ação aqui reportada, ao valorizar as reminiscências, permite a re-leitura do processo de viver-envelhecer, modifica o quadro tradicional de compreensão da existência humana por meio da auto-expressão do grupo, valendo-se do lazer e da reflexão.

A estrada de ferro como história e possibilidade de aproximação etnográfica⁶

De grande importância histórica para a cidade, a Estrada de Ferro que liga Campos do Jordão a Pindamonhangaba foi construída no início do século passado, proporcionando um meio de acesso às pessoas que sofriam de doenças respiratórias, pelo clima propício à cura, a 1700 metros de altitude, nas montanhas.

Idealizada pelos médicos sanitaristas Emílio Marcondes Ribas e Victor Godinho, a Estrada de Ferro começou a ser efetivamente construída em 1914. Seus primeiros carros eram movidos a vapor e, posteriormente, a gasolina. Somente em 1924, a Estrada de Ferro Campos do Jordão foi eletrificada. A ferrovia cumpriu, por vários anos, os objetivos que motivaram sua construção, e também transportou, durante longo tempo, grande quantidade de frutas, verduras e legumes cultivados pela produtiva colônia japonesa, assim como materiais para construção civil. Com o advento do turismo, a ferrovia passou a compor o roteiro turístico da região. Hoje, a Estrada de Ferro Campos do Jordão é uma ferrovia voltada integralmente aos serviços turísticos.

Suas construções obedecem a uma linha arquitetônica que se manteve inalterada, formando um conjunto harmonioso, típico das ferrovias do passado. Além de ligar as cidades de Pindamonhangaba e Campos de Jordão, a ferrovia opera o Trem Turístico Urbano, ligando as diversas Vilas que formam a Estância de Campos do Jordão. Em Pindamonhangaba, também mantém esse serviço de atendimento ao público, com Trens de Subúrbio, que vão do centro da cidade, Estação Pindamonhangaba, até o Parque Reino das Águas Claras, no bairro Piracuama, num percurso de 20 km.

A Ferrovia apresenta traçado sinuoso, e o trajeto é marcado por pontos turísticos que chamam a atenção dos passageiros. O primeiro deles é a ponte, construída na França, em 1924, e transportada para o Brasil totalmente desmontada, para ser edificada sobre o rio Paraíba do Sul. Sua extensão total é de 160 metros, e os quatro vãos são sustentados por pilares de pedras talhadas à mão por portugueses. Outro ponto turístico muito atraente é o Parque Reino das Águas Claras, às margens do Rio Piracuama, no quilômetro 17 da via férrea.

Construído em 1972, pela Companhia da Estrada de Ferro, o Parque, denominado Reino das Águas Claras, é decorado com figuras em cerâmica das personagens da obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato. Há, também, a Estação Santo Antonio do Pinhal, localizada no alto da serra da Mantiqueira, no quilômetro 28. Compondo o conjunto, foi construído, em 1971, um mirante com a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, de 3 metros de altura. Do local, a 1161 metros de altitude, é possível observar as belezas naturais do vale do Paraíba. A Estação constitui polo turístico, oferecendo outras atrações, tais como: o apiário, com diversos produtos derivados do mel; a loja de artesanato e uma lanchonete/restaurante. Junto à estação ferroviária acha-se instalada, desde 1924, a subestação retificadora de energia elétrica, responsável pela alimentação de todo o tráfego da Estrada de Ferro.

A Estrada de Ferro de Campos do Jordão pode ser concebida aqui, como um “lugar de memória”, de acordo com as formulações de Pierre Nora, ao referir-se a lugares:

[...] com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar de aparência puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que apreze o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1993. p. 22) rever a citação Como “lugar de memória”, esta ferrovia congrega essas três dimensões. Constitui-se como material, à medida que existe concretamente, sobrevivendo ao tempo, mantendo parte essencial de suas características. Ainda que tenha sofrido intervenções com vistas à modernização e à manutenção, preservou seus elementos identificadores. No âmbito funcional, deixou de ser utilizada como meio de transporte de pessoas enfermas e assumiu caráter turístico, mas continua com sua função precípua de transportar pessoas, sejam quais forem os motivos ou objetivos. Em relação a sua dimensão simbólica, para compreendê-la há que se recorrer à análise da relação entre memória e História e distinguir memória de lembrança.

Do ponto de vista de Pierre Nora (1993), que representa a perspectiva histórica, a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda, é a garantia de nossa própria identidade. A memória é inseparável do sentimento do tempo ou da percepção/experiência do tempo como passageiro. Constitui uma atualização do passado ou a presentificação do passado, e é também registro do presente para que permaneça como lembrança. Desse modo, a lembrança conserva aquilo que se foi e que não retornará. Graças à memória, os indivíduos são capazes de lembrar, de recordar. As lembranças podem ser trazidas ao presente espontaneamente, ou por um trabalho deliberado de nossa consciência.

A lembrança espontânea surge quando, em uma determinada situação, vêm à tona lembranças de outra situação passada. Recordamos quando fazemos o esforço para lembrar, pois conforme externa Nora (1993), “é preciso ter vontade de memória”. Assim, um lugar pode ser histórico sem ser um lugar de memória.

Esse repertório conceitual possibilita a compreensão dessa ação sociocultural – o passeio de trem de ferro como um esforço coletivo das lembranças individuais e ou coletivas, ligadas às estradas de ferro em geral e à Estrada de Ferro de Campos do Jordão, em particular. Assim, a dimensão simbólica precisa, necessariamente, ser compartilhada, pois “caracteriza, por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número, uma maioria que deles não participou”. (NORA, 1993, p. 22)

É importante ressaltar, que a construção das estradas de ferro no Brasil esteve diretamente associada ao âmbito econômico. Especificamente, no Vale do Paraíba Paulista, passagem necessária para o escoamento do café no século XIX, houve a intensificação da chamada “febre dos trilhos”, que promoveu um significativo e rápido aumento da rede ferroviária brasileira. (ROTAS DO VALE, 2004). Desse modo, as ferrovias imprimiram profundas marcas no imaginário coletivo brasileiro e, principalmente, no vale-paraibano. Muitos dos participantes deste passeio, moradores da região da Estrada de Ferro de Campos do Jordão, não a conheciam, nunca por ela trafegaram, embora a maioria tenha viajado de trem em outras estradas de ferro.

A Estrada de Ferro como espaço de (re) construção do conhecimento

Esta práxis de extensão universitária privilegiou a metodologia participativa como abordagem de pesquisa, para favorecer o descortinar do saber popular, visando (re) construir o saber científico a partir das reflexões críticas dos diversos atores, conforme indicam Araújo Filho e Thiollent (2008).

A construção da atividade envolveu, inicialmente, uma docente da área de Ciências Sociais que atua no Núcleo Sociocultural do PAIE, apoiada por um aluno do curso de História. Foi desenvolvido, ao longo de um mês, um curso para um grupo de idosos, sobre a história dessa Estrada de Ferro e sua importância em todo o contexto regional vale-paraibano. Para tal, além do levantamento de material bibliográfico, considerou-se também, as contribuições desses participantes em termos de notícias, fotos ou relatos orais pertinentes ao assunto em pauta. Do interesse pelo curso, derivou o planejamento e a organização de uma atividade prática, bem como a atividade de pesquisa.

Participaram do passeio 50 idosos; um deles levou uma neta pré-adolescente, “adotada” por todos como fotógrafa, devido ao fato de a maioria ter dificuldade em utilizar a câmera digital. A menina teve um papel importante no grupo, provocando um processo de integração inter-geracional. O grupo foi acompanhado por um docente da área de Psicologia, um de Educação Física e um técnico da Pró-reitoria de Extensão.

Os bolsistas que atuam no projeto nas áreas citadas não participaram, por dificuldades de conciliação da agenda acadêmica, embora tenham se ocupado junto aos docentes, da logística e construção teórico-metodológica requerida por todas as atividades.

Cada participante recebeu material escrito com a história da Estrada de ferro, contendo o roteiro da viagem e informações sobre fatos pitorescos. Os professores utilizaram recursos como câmera fotográfica, gravador e microfone para abordagem dos que desejaram se manifestar, além de um diário de bordo para anotações de pesquisa. Alguns idosos, além de fotografar, também fizeram anotações sob o pretexto de depois corroborar os dados com os familiares.

A viagem iniciou-se bem cedo, prolongando-se até o anoitecer, considerando o traslado entre a cidade em que residem e de onde tomaram o trem. Por ter sido em um dia útil da semana, os vagões foram ocupados apenas com este público, contando com o serviço de um guia durante todo o percurso. Nas duas paradas, todos foram convidados a descer para apreciar a belíssima paisagem serrana, fazer compras e interagir com os moradores do local, observando os diversos aspectos culturais, como costumes e interesses.

Considerando três horas para a ida e outras três para a volta, o restante do tempo foi destinado a passeio em Campos do Jordão, para participação em atividades de lazer e cultura. Os depoimentos coletados foram posteriormente objeto de análise interdisciplinar, por parte dos docentes e estagiários, sendo aqui parcialmente descritos.

Lembranças dos idosos nos trilhos da ferrovia e processo de ressignificação

Passear por essa estrada de ferro neste momento, além da perspectiva de lazer e de turismo sociocultural, teve como objetivo favorecer a (re) elaboração da versão da sua história no passado, a partir da ótica de vários atores. Ao revisitar o passado com seus pares, constatava-se que o idoso tinha a oportunidade de ver sua memória histórica e afetiva valorizada, o que significa minimizar o processo de sua exclusão social.

O fato de alguns idosos serem oriundos de outras regiões trouxe à tona lembranças de andar de trem de ferro em diferentes lugares e em períodos passados de suas vidas, principalmente como meio de transporte para ir ao trabalho, nas regiões suburbanas das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Lembranças, agora, carregadas de alívio, ao reviverem como era um cotidiano difícil: levantava-se antes do sol raiar para pegar o trem, sempre muito cheio e desconfortável, percorrendo longas distâncias e, ainda, precisando “baldear” para um ônibus que levava até o local de trabalho. Aos suspiros de alívio, seguiam sorrisos de satisfação por hoje poderem apreciar a viagem e as belezas da natureza em redor. Andar de trem nesse passeio, em pleno meio da semana, é avaliado por um idoso “como uma dádiva, deixa a mente correr solta”. É (re) viver uma época em que a vida era marcada pelo *cronos*, agora saboreado na perspectiva de *kairós*, como tempo livre.

Como a cidade de Aparecida do Norte está localizada na região do Vale do Paraíba Paulista, muitos participantes utilizaram essa estrada de ferro para ir aos festejos religiosos naquela cidade, por ser o meio de transporte mais viável, durante muitos anos. Desse fato, emergiram memórias da viagem na companhia dos pais, irmãos, tios, primos e amigos, muitos deles já falecidos, “da alegria e grandiosidade desses momentos, esperados com muita expectativa por todos, pois Aparecida do Norte reunia pessoas de todo o Brasil e era um centro de grandes novidades”.

Alguns idosos lembraram ter feito essa mesma viagem de Pindamonhangaba até Campos do Jordão em épocas passadas. O percurso, que hoje é feito em duas horas, durava doze horas; portanto, a viagem estava guardada na memória como muito longa e cansativa. Em sendo ainda crianças, a sensação era de ser mais longa ainda, principalmente por conta dos bancos de madeira do trem, muito duros e desconfortáveis. Mas quando se tratava de viagem de lua-de-mel, essa dimensão de tempo e desconfortos eram relativizados, prevalecendo a vivência gravada nos recônditos da memória, sob forma de aromas, sabores e cores.

Houve quem lembrasse o célebre Monteiro Lobato que, ao sair de Taubaté, cidade vizinha de Pindamonhangaba, teria dito que desse lugar “não levaria nem o pó”, fazendo referência, no entender desse idoso, ao fato de a maria-fumaça (locomotiva movida a lenha) soltar muita fuligem e deixar as roupas sujas. Nesse momento, a memória coletiva insurge nas descrições das capas que os homens usavam para proteção contra essa fuligem, e também o elegante vestuário das mulheres, geralmente pertencentes à burguesia cafeeira da região, nas viagens entre o Rio de Janeiro e São Paulo.

Muitos idosos, pela falta de oportunidades para participarem de atividades socioculturais, ficaram em estado de grande ansiedade ao se defrontarem com situações novas, como exemplo, a possibilidade de comprar, nas paradas que o trem faz durante seu percurso, *souveniers*, lembranças do passeio, pois não tinham levado dinheiro para isso. Ou ainda, entre extasiados e frustrados, ao observarem a beleza de um orquidário e não terem uma câmera fotográfica para perenizarem esta experiência. Causou grande impacto perceber a quantidade de turistas de outras regiões do Brasil e até do exterior em trânsito, interessados em conhecer e apreciar as belezas que os indivíduos do próprio local não valorizam, como a culinária e o artesanato.

Outros relataram que, mesmo nascidos nessa região, por diversos motivos nunca tiveram a oportunidade de fazer tal viagem, mostrando satisfação por agora realizá-la e avaliando-a como “magnífica”, pela suntuosidade das belezas naturais da serra, dos riachos límpidos. Encanta-os a sensação de que o trem embala as descobertas de uma visão de mundo tão próximo de suas casas e, até então, desconhecido.

Há que registrar, também, a dinâmica inter-geracional ocorrida no grupo, pela presença de indivíduos com idades mais jovens que os participantes (docentes, técnico, guia, pré-adolescente).

Os idosos, ao utilizarem várias vezes a expressão - “em uma ocasião”, referiam-se a um dado recorte temporal e à experiência na vida deles, concretizando o compartilhamento das memórias individuais, fazendo um registro de uma história vivida. Observa-se, aqui, que “O ato de relembrar em conjunto, isto é, o exercício de compartilhar a memória, é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos” (VON SIMSON e GÍGLIO, 2001, p. 145). Ensina-se aos mais jovens a importância de registrar a trajetória de vida, regula-se o momento presente com todas as elaborações possíveis, realizando-se em função do passado. É a possibilidade vislumbrada por Machado de Assis em “Dom Casmurro”, por intermédio de sua personagem Bentinho, a de “atar as pontas da vida e restaurar na velhice a juventude”.

Como essa ação se inscreve o âmbito da extensão universitária, considera-se ainda, que os depoimentos dos participantes refletiram sua mudança de visão de realidade, um sentido produzido pela conjugação de uma vivência objetiva acrescida da dimensão subjetiva; fruto das múltiplas racionalidades envolvidas (GIANNELLA, 2008) ⁷. Nesse sentido, ressalta-se também, os depoimentos dos alunos indicando ter aprendido e apreendido as informações consistentes coletadas, valendo-se da situação lúdica e prazerosa.

Considerações finais

Esta atividade sociocultural confirma a eficácia da metodologia participativa como abordagem de pesquisa em extensão universitária, ultrapassando seu valor de lazer e turismo e sendo utilizada como uma forma de (re) conhecimento e desenvolvimento de si mesmo e do mundo, a partir da riqueza dos estímulos de que se revestiu. Configurou-se uma ação educativa da extensão, trabalhada sob a forma de pesquisa, com potencial para retroalimentar o ensino. Realizada com idosos, assumiu abrangência maior, tornando inevitável o revisitar o passado, principalmente quando perceberam que havia interesse pelas suas histórias, pela visão que carregam de uma realidade já desaparecida. A comparação temporal entre o hoje e o ontem, favoreceu o estabelecimento de novas concepções de mundo, constatadas no discurso que apontava as oportunidades que faltaram ao longo da vida, mas agora possíveis.

A memória revelou ser um método apropriado de trabalho, quando utilizado com uma finalidade, no caso, aqui, para conferir sentido ao passado, ressignificando-o como diferente do presente, mas importante. Entretanto, esse processo não foi absolutamente espontâneo, pois implicou um esforço individual e um esforço coletivo mediados por uma ação externa, este passeio de trem de ferro. Confirma assim, que as atividades socioculturais realizadas com idosos podem ser, também, um *lócus* de pesquisa, colocando-os como protagonistas importantes no (re) conhecimento da história, individual e coletiva, além de favorecer a manutenção dos níveis de regulação emocional na velhice.

Ainda que a escrita nunca seja suficiente para representar e compreender as experiências vividas, é fundamentalmente necessária para a completude do trabalho, conforme uma das definições de História - "o registro da memória coletiva"; assim, o sentido do trabalho de lembrar e o esforço da memória concretizam-se e revestem-se de significados, ao serem devidamente registrados.

Metaforicamente, a Estrada de Ferro liga o presente ao passado. E, conforme Fernand Braudel, o passado e o presente elucidam-se reciprocamente. Portanto, a história diz respeito ao presente tanto quanto diz respeito ao passado. O caminho e, nesse caso, a estrada de ferro, não é apenas um modo de acesso, um lapso de tempo, uma passagem entre a partida e a chegada; é pleno de significados que podem ser evocados e compreendidos numa perspectiva psicológica, histórica, social e cultural.

Referências

ARAÚJO FILHO, Targino; THIOLENT, Michel Jean-Marie. **Metodologia para Projetos de Extensão: Apresentação e Discussão**. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – São Carlos: Cubo Multimídia, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1978.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

CUNHA, Newton. **Dicionário SESC: a linguagem da cultura**. São Paulo: Perspectiva - Sesc, 2003.

ENCICLOPÉDIA WIKI KNOWLEDGES. **Educartis**. Disponível em: <<http://wiki.educartis.com/wiki/index.php>>. Acesso em: 13 jun. 2008.

ESTRADA DE FERRO DE CAMPOS DO JORDÃO. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Area51/Matrix/3175/>>. Acesso em: 29 set. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERRIGNO, José Carlos. Ação cultural e terceira idade. **A Terceira Idade**. Serviço Social do Comércio. São Paulo: Sesc-Geti. v. 16, n. 32, 2005.

GIANNELLA, Valéria. Base teórica e papel das Metodologias não Convencionais para a formação em Gestão Social. **II Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social: Os Desafios da Formação em Gestão Social**. Palmas/TO, 2008. Disponível em: <<http://www.gestaosocial.org.br/sistema/imagens/Base%20teorica%20e%20 papel%20das%20 metodologias%20nao%20convencionais.pdf>>. Acesso em: ago. 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

KRUG, Jorge Gilberto. Ações socioeducativas na construção da velhice. In: CASARA, Miriam Bonho; CORTELLETTI, Ivonne Assunta; BOTH, Agostinho. **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul: Educs, 2007.

LEÃO, Marluce Auxiliadora Borges Glaus. **Oficina de revisão de vida e bem-estar subjetivo em mulheres idosas: um estudo sobre um método de intervenção psicológica**. 2005. (Tese de

Doutorado em Ciências Biomédicas – Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas).

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ROTAS DO VALE. **Memórias do comércio do Vale do Paraíba**. São Paulo: Museu da Pessoa/SESC-SP, 2004.

SILVA, Roberto da. Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social no Brasil. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006. **Anais eletrônicos**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100045&lng=pt&nrm=abn>. Acesso em: 13 jun. 2008.

SILVA, Rosalina Carvalho da. **Metodologias Participativas para Trabalhos de Promoção de Saúde e Cidadania**. São Paulo: Vetor, 2002.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de Ciência e Educação. Cedes. 2. ed. n. 71, p.166-193, 2000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VON SINSON, Olga Rodrigues de Moraes; GÍGLIO, Zula Garcia. A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**. Campinas: Papyrus, 2001. pp. 141-60.

Notas

¹O campo da gerontologia educacional foi definido por Peterson, em 1976, como estudo e prática das tarefas de ensino dirigidas a pessoas envelhecidas e em processo de envelhecimento. Área que se preocupa com o processo de educação do idoso; quem é este aprendiz, como é sua aprendizagem, suas necessidades e potenciais. Ver PETERSON, D. A. *Educational Gerontology: the state of art*. **Educational Gerontology**, 1976, 1, n.1.

²Por educação formal entende-se aquela que acontece intencionalmente nos mais diversos centros educativos.

A educação não-formal refere-se às estratégias criadas para satisfazer determinados objetivos educativos realizados mediante processos específicos diferenciados, mas não circunscrita à escolaridade convencional. A educação informal refere-se à produção de efeitos educativos a partir de processos educativamente inespecíficos. Ver TRILLA, J. **Animación sociocultural: teorías, programas y ámbitos**. Barcelona: Ariel, 1997.

³Educação Permanente vista como um *continuum educativo*, coexistindo à vida e ampliando-se às dimensões da sociedade, é um meio para o exercício de uma cidadania ativa, que requer a valorização, hoje, de todos os espaços e tempos da educação, principalmente para permitir acesso àqueles que dela não

usufruíram. Ver DELOURS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

⁴ Dado o caráter complexo da memória, seus conteúdos ou produtos podem ser classificados, segundo Webster e Haight, quanto aos critérios de espontaneidade, estruturação, avaliação, frequência e abrangência, para diferenciar reminiscência, revisão de vida, autobiografia e narrativa. Neri acrescenta a essa classificação a história oral, pela sua importância para os idosos e para a sociedade. Ver WEBSTER, J. D.; HAIGHT, B. K. Memory land milestones: progress in reminiscence definition and classification. In: HAIGHT, B. K.; WEBSTER, J. D. **The art and science of reminiscing**: theory, research, methods and applications. New York: Taylor e Francis, 1995. Ver também NERI, A. L. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2001.

⁵ Para aprofundamento ver GIANNELLA, Valéria. O nexa pesquisa-ação: qual conhecimento para que políticas. Em Luis Carrizo (ed), **Gestión Local del Desarrollo y Lucha contra la Pobreza. Aportes para el fortalecimiento de la investigación y las políticas em América Latina**. Montevideo, Manuel Caballa editor, 2007.

⁶ Etnografia como preocupação em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar. “Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos”. Ver uma compilação sobre os autores representativos dos estudos sobre etnografia em MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães - A abordagem etnográfica na investigação científica. UERJ, 2001. http://br.geocities.com/celem05/abord_etnogr_invest_cient.doc. Acesso em 5 de dezembro 2008.